



São Paulo
Terra
adotiva
XIV Encontro Nacional
de Associações e Grupos
de Apoio à Adoção
ENAPA 2009
I Encontro Latino-Americano
de Apoio à Adoção

Promoção e organização:

GAASP / ANGAAD / Fernando Freire

Boletim do 14º Encontro Nacional das Associações e Grupos de Apoio à Adoção

Nº 22

E o ENAPA já começou. Todos mobilizados, e seguem atentos às informações divulgadas, aos boletins enviados. Após a divulgação do Boletim ENAPA nº18, com texto intitulado: "Do virtual ao real: o Cadastro Nacional de Adoção", de autoria da Dra. Cristiana Cordeiro, recebemos os comentários abaixo, que divulgamos aqui com respectiva autorização das autoras.

O debate sobre este, e outros temas que serão enfocados durante o 14º ENAPA, está aberto, e este espaço criado na forma de boletim está à disposição de todos.

Vera Lucia Cardoso

Fernando Freire

Olá a todos.

Tendo recebido o boletim do ENAPA com o artigo da Dr^a Cristiana Cordeiro, Juíza da Infância e Juventude do Rio de Janeiro, desenvolvendo a temática relativa ao Cadastro Nacional de Adoção e outras consequentes questões sobre adoção, gostaria de me manifestar, mesmo não tendo feito e não fazendo ainda parte de nenhum grupo de adoção.

Em primeiro lugar é estranho as experiências que se tem quando se está esperando por um filho ou filhos e em meio a ansiedade se faz contatos com outros Estados e municípios, esta situação revela o quão fragilizado parece o processo e a falta de expectativa para que o mesmo traga condições para uma

Dividindo **experiências**,
multiplicando **oportunidades**.



adoção, digamos assim, mais justa e quem sabe com melhores possibilidades, uma vez que não se acredita e muitos ainda não estão dando atenção ao CNA.

Trazer o cadastro para o mundo real seria também consultá-los de forma sistemática, seria oportunizar aos pais uma posição sobre como o mesmo anda e em que lugar se encontra, quais as chances e possibilidades, dados que as adotantes não têm. Mas, sinceramente o que me incomoda por demais mesmo é a tentativa de orientação e convencimento sobre a chance de se ter um filho não dentro de suas expectativas, mas sim do perfil de crianças existentes em decorrência de certa morosidade que se reconhece e um investimento do Ministério Público em querer deixar as crianças à espera da melhora de sua família biológica e com isso o tempo passa.

Passa um, dois, três, quatro ...anos de investimento em algo que antecipadamente em muitos casos já se sabe que não terá resultado positivo e a criança perde sua infância em abrigos e , instituições, quando poderia ter sido adotada por uma família em condições mais propícias.

Ou seja, a primeira infância que é fundamental para a estruturação da moral, da ética, da estética, das relações afetivas e sociais acaba sendo comprometida em decorrência de um princípio de querer tentar manter a criança com a família biológica que em muitos casos não terá condições adequadas para mantê-la (numa concepção mais integral) e essa criança fica a espera de uma solução, sendo colocada posteriormente em situação de adoção tardia.

A nós que estamos em processo de adoção e que não temos filhos e portanto mantemos a vontade de passar por todas as etapas da vida de uma criança, nos vemos impedidos de nossos sonhos e pressionados a pensar que deveríamos aceitar a adoção tardia, pois aí se tem o maior nº de crianças "disponíveis". Mas não estamos fazendo isso só pelas crianças, fazemos também por nós, pelo ideal de constituição de uma família, de um lar em que muitos têm a possibilidade de crescer juntos de diferentes formas.

Então, para além do CNA funcionar, para além da necessidade de serem feitas as adoções tardias, para além de podemos adotar quando já temos filhos,... é preciso um olhar sensível sobre as crianças, sobretudo as menores que teriam a chance de minimizar suas marcas, as marcas da vida em seu corpo total a partir, quem sabe, de uma maior agilização nos processos de destituição do poder familiar efetivados em tempo mais real diante da situação em que vivemos e das condições existentes no cotidiano familiar de muitos; quem sabe não podemos melhorar as orientações sobre possibilidade de partos anônimos para que pudéssemos ter menos assassinatos e abandonos de menores, menos violência contra as crianças, entre outros procedimentos que possam favorecer adoções em caráter mais rápido evitando tanta tristeza, violência, desequilíbrios em crianças decorrentes de falta de afetividade e sociabilidade bem trabalhadas.



É claro, não vou deixar de colocar também a necessidade de um olhar sensível e mais humano sobre os adotantes, os futuros pais com seus sonhos, com suas expectativas de viver todos os momentos ao lado de uma criança em crescimento, mas curtindo a fase da primeiríssima infância com ela, de poder acompanhar o nascimento dos primeiros dentes, do engatinhar, das primeiras palavras, das conquistas em ir se constituindo pessoa, enfim do ato de ser pai e mãe em condição integral.

São Paulo
Terra Adotiva
XIV Encontro Nacional
de Associações e Grupos
de Apoio à Adoção
ENAPA 2009
I Encontro Latino-Americano
de Apoio à Adoção

Forçar tanto a adoção tardia para aqueles que nunca tiveram o prazer de ter filhos, no meu ponto de vista, passa muito mais pela tentativa de minimizar um problema social de abandono, quando poderíamos pensar muito mais em investir na família como condição de termos uma chance de pensar em uma sociedade muito melhor, com raízes mais sustentáveis.

A dinâmica da adoção, suas premissas e tempo também precisa ser revista. Obrigada pela atenção.

Espero ter sido clara, entendam sob a forma de um desabafo de uma mãe em estado de gestação sem tempo para acabar em decorrência de inquietação produzida pela leitura do artigo.

*Atenciosamente,
Maristela Angotti
Deptº de Didática/FCL/UNESP*

Cara Maristela,

Todos somos capazes de entender a legitimidade de se desejar adotar um bebê. Sempre respeitamos e aceitamos a opção de cada pessoa. Também entendemos que quem realmente deseja adotar um bebê deve fazê-lo, pois certamente não tem motivação para adotar uma criança maior e não seria feliz e nem faria feliz tal criança ou adolescente.

O que precisamos entender é que a maioria das crianças não entra num abrigo logo ao nascer, mas o faz em qualquer idade entre o momento imediatamente posterior ao nascimento e o momento imediatamente anterior ao de completar 18 anos.

O que o CNA tem proporcionado é que as pessoas que aceitam adotar uma criança maior ou um adolescente tenham chances de conhecer essas crianças e



adolescentes e de adotá-las, estando elas em qualquer cidade do País. Na prática, é como a Dra. Cristiana deixa claro em seu artigo, quem quer adotar um bebê vai continuar esperando por longos anos, pois em cada Comarca onde um bebê for liberado para adoção, hão de existir dezenas ou centenas de pessoas querendo adotá-lo.

Ninguém quer forçar a pessoa que deseja adotar um bebê a adotar uma criança ou adolescente de 8, 10 ou 14 anos. Sabemos que todos os envolvidos sofreriam demais com tal situação. O que queremos é dar visibilidade e oportunidades a essas crianças e adolescentes que precisam de uma família tanto quanto um bebê precisa.

Não tenha dúvidas de que tanto quanto você, nós também desejamos que as destituições do poder familiar ocorram o mais rapidamente possível quando tiverem que ocorrer. Como também desejamos que aquelas pessoas que desejam adotar um bebê, o façam. Apenas que saibam que vão esperar longos anos para isso ocorrer. Enquanto isso, tantas outras crianças se tornarão adolescentes nos abrigos e tantos adolescentes se tornarão adultos, ao menos na idade, porque no coração ficarão bebês para sempre, esperando por um afeto de mãe e de pai que nunca receberam.

Marta Wiering Yamaoka
GEAA-SBC

São Paulo
Terra
adotiva
XIV Encontro Nacional
de Apoio à Adoção e Grupos
de Apoio à Adoção
ENAPA 2009
Encontro Latino-Americano
de Apoio à Adoção